

AUGOSTINUS STAUB (1925...) é natural de Santa Cruz do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Bacharel e Licenciado pela PUCRS obteve o diploma de 'Master of Science' na Georgetown University, Washington D.C. sob a orientação de Paul Garvin, A. Hill, George L. Trager e William Austin. Os diplomas de Doutor e Livre-Docente foram obtidos na PUCRS. Iniciou a carreira do magistério na cidade de Porto Alegre. Como bolsista, estudou nas Universidades de Montevideu, São Paulo e Bochum (Alemanha Federal). Atualmente encontra-se ativo no departamento de Letras e Lingüística da Universidade de Brasília. O seu interesse principal concentra-se na Lingüística Aplicada ao ensino de línguas e na Lingüística Teórica tendo publicado vários trabalhos nestes dois campos.

A IMPORTÂNCIA DE KARL BÜHLER NA LINGÜÍSTICA MODERNA

Augustinus Staub
UnB

Dados Biográficos de Karl Bühler

Karl Bühler (1879-1963) é, sem dúvida, um dos melhores representantes do pensamento lingüístico moderno. A sua formação psicológica vinha acompanhada por uma sólida formação filosófica e médica. Doutorou-se em filosofia pela Universidade de Estrasburgo. Em Freiburg obteve o doutorado em Medicina. Casado com a psicóloga Charlotte Malachowski, famosa como Charlotte Bühler, exerceu o magistério superior na Universidade de Dresden e, especialmente, na Universidade de Viena, Áustria, de 1922 a 1938. A permanência de dezesseis anos na capital austríaca constitui, na opinião de Julián Marías, "o grande período de docência de Bühler" (Marías: 1974, 101). Esta permanência foi, várias vezes, intercalada por visitas a universidades americanas. A sua carreira de professor na Áustria foi interrompida em 1938. Perseguido e preso pelos nazistas, viu-se obrigado a emigrar para

a Noruega seguindo, em 1939, para os Estados Unidos onde se dedicou, até 1963, ano de sua morte, ao ensino e à pesquisa em universidades e hospitais. Ao lado de lingüistas célebres, como o holandês A. W. de Groot, o iugoslavo A. Belic, os franceses L. Bruo, Tesnière, Vendryès, Benvenista e Martinet, Bühler tornou-se um dos colaboradores mais assíduos nas publicações do Círculo Lingüístico de Praga, fundado em outubro de 1926 por iniciativa de V. Mathesius e B. Havránek, coadjuvados por J. Mukarowsky, Bohumil Trnka, J. Vachek e M. Waingart. O Círculo de Praga também recebeu a colaboração extremamente fecunda de três lingüistas russos: S. Karcewsky, Roman Jakobson e N. S. Trubetzky, com o qual Bühler teve a oportunidade de conviver na Universidade de Viena. Jakobson fala claramente de 'fruitful discussions' entre os dois lingüistas (Jakobson: 1973, 17). A maioria dos integrantes do Círculo residia em Praga, outros, como Bühler e Trubetzky, residiam em Viena e um número menor em Brün.

Bühler impôs a sua inteligência e a sua pesquisa pela publicação de várias obras, entre as quais se destaca a **Sprachtheorie** (1934). Este acervo foi escrito e publicado, enquanto ativo, na Universidade de Viena. A única obra que nos interessa no presente trabalho é a **Sprachtheorie — Teoria da Linguagem**, obra de quatrocentas páginas, rica em conteúdo e notável pelas dificuldades que apresenta, mas como afirma Jakobson

"still for linguists probably the most inspiring among all the contributions to the psychology of language" (Jakobson: 1973, 41).

Por vários motivos, a **Sprachtheorie** de Bühler 'apenas circunavejou' (Marías, 1974, 102) e, por pouco, não caiu no esquecimento completo. Entre os motivos que impediram o sucesso imediato e absoluto da **Sprachtheorie** destacamos:

(1) o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a conseqüente interrupção das comunicações do mundo com a Alemanha nazista da qual a Áustria fazia parte integrante desde o 'Anschluss' (1938). Uma segunda edição alemã da **Sprachtheorie** só surgiu em 1965;

(2) a perda momentânea do prestígio da língua alemã durante a Guerra e nos anos seguintes;

(3) a falta de traduções, pois a **Sprachtheorie**, provavelmente pelo conteúdo difícil, só foi traduzida para a língua espanhola. Bühler considera três obras 'del umbral del hoy' (1950, 21) como ponto de partida de sua obra:

(1) **Die Prinzipien der Sprachgeschichte** (1880) de Hermann Paul (1846-1921);

(2) o **Cours de linguistique générale** (1916) de Ferdinand de Saussure (1857- 1913) e

(3) a **Logische Untersuchungen** (1900) de Edmund Husserl (1859-1938).

No presente trabalho não analisaremos os motivos que teriam levado Karl Bühler a considerar a obra de Husserl como básica para a sua própria obra. As razões que levaram Bühler a fixar, como pontos de partida de sua obra, a **Prinzipien**, de Paul, e o **Cours**, de Saussure, interessam à lingüística por demais. Um estudo acurado de Paul leva-nos à conclusão que o mesmo foi, antes de tudo, um precursor da lingüística descritiva e, apesar de algumas contradições aparentes, o expositor mais completo e a fonte mais abundante das idéias que nos anos posteriores seriam sistematizadas por Saussure nos famosos cursos de Genebra.

Hermann Paul um Precursor

A **Prinzipien der Sprachgeschichte** foi editada, pela primeira vez, em 1880 e teve cinco edições durante a vida do autor¹. Apesar de ter exercido uma influência marcante sobre o pensamento lingüístico da Europa e dos Estados Unidos, no fim do século passado e no início do atual, muitas obras de divulgação americanas a ignoram. Outras consideram-na como sendo 'the bible of the junggrammatiker school' (Malmberg: 1964, 1-14). Para Ivic algumas observações de Paul são a fonte de inovações posteriores.

"It has been forgotten that Paul's *Prinzipien der Sprachgeschichte* contains some excellent observations which directly hint at many innovations which were to come after his time (Ivic: 1965, 61).

O grande lingüista italiano Tagliavini considera a **Prinzipien der Sprachgeschichte** como a síntese teórica e metodológica do ensino dos neogramáticos e de influência enorme (Tagliavini: 1968, 28). Na opinião de Helbig, a obra de Paul contém o germe de muitos axiomas posteriores aos neogramáticos.

... bereits den Keim zur Selbstüberwindung mancher junggrammatischer Axiome (Helbig: 1970, 18).

Se é verdade que o estruturalismo, com a sua sistematicidade e a sua ênfase no conceito de estrutura

was born in the nineteenth century as an integral part of historical Indo-European linguistics (Percival: 1970, 230).

1 Estas edições surgiram, respectivamente, em 1880, 1886, 1898, 1909 e 1920.

Hermann Paul foi, sem dúvida, um dos grandes responsáveis por este nascimento. Vale aqui o testemunho de Streitberg a respeito de Paul:

Fue el primero en tratar sistemáticamente los principios lingüísticos con incomparables claridad y fuerza de penetración en sus *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880), echando así los cimientos sobre los cuales la ciencia ha seguido construyendo con gran éxito durante casi medio siglo (cf. Jordan: 1967, 34).

Ludwig Tobler, apesar de ter encontrado uma série de inconsistências na **Prinzipien** de Paul, enfatizou o fato de as observações, feitas por este e outros, aparecerem sistematicamente consistentes, tornando-as facilmente acessíveis ao pesquisador lingüístico (cf. Koerner: 1972, 280).

Um estudo acurado da **Prinzipien** leva-nos a crer que Bühler a tomou como fonte de inspiração e fonte principal do **Cours de linguistique générale**, de Ferdinand de Saussure. O próprio Bühler a considera como

"Un libro notable, rico en resultados bien ordenados de la lingüística del siglo XIX." (Bühler: 1950, 27).

Hermann Paul e as Dicotomias Saussureanas

(1) Sincronia — Diacronia.

Já em 1880 Paul observava que a investigação dos períodos mais recentes (sincronia) de uma determinada língua, além de ser proveitosa devido à disponibilidade e à abundância dos dados, projeta uma luz abundante sobre os estágios anteriores (diacronia) do desenvolvimento lingüístico.

Der gegenwärtige Sprechzustand welcher unmittelbar vollständig zu beobachten ist, wirft natürlich das meiste Licht zurück auf die zunächst vorhergehenden Stadien der Entwicklung (Paul: 1880, 25).

Apesar de ter afirmado claramente que não existe outro estudo possível de uma determinada língua, além do estudo histórico (diacrônico), Paul também afirmou que a descrição de um estado lingüístico (sincronia) é, de modo algum, uma tarefa fácil (Paul: 1909, 31). Estamos diante de uma das contradições mais flagrantes da obra de Paul. Saussure, anos após, parece admitir que a lingüística descritiva é, de fato, bem difícil e a lingüística evolutiva, em comparação, apresenta aspectos divertidos (cf. Godel: 1957, 88). Em edições posteriores, Paul insiste na necessidade de ignorar, na descrição de um determinado estado de uma

língua (sincronia), as considerações referentes a outros estados lingüísticos (diacronia), bem como as considerações referentes a línguas aparentadas:

Sehr leicht wird das Bild eines bestimmten Sprachzustandes getrübt wenn dem Betrachter eine nahe verwandte Sprache oder eine ältere oder jüngere Entwicklungsstufe bekannt ist. Da ist die grösste Sorgfalt erforderlich, dass sich nichts Fremdartiges einmische. Nach dieser Seite hin hat gerade die historische Sprachforschung gesündigt, in dem sie, das was aus der Erforschung des älterem Sprachzustandes abstrahiert hat, einfach auf den jüngeren übertragen hat (Paul: 1909, 31).

Koerner (1972, 289) resumiu, da seguinte maneira, as opiniões de Paul quanto às abordagens sincrônica e diacrônica:

- (a) as duas abordagens diferenciam-se pelo método;
- (b) a abordagem descritiva (sincrônica) visa ao estudo de um determinado estado lingüístico e ignora a sua constante transformação;
- (c) a abordagem descritiva (sincrônica) é uma abordagem independente da abordagem diacrônica;
- (d) o valor heurístico da abordagem descritiva é reconhecido, pois o estudo de dois ou mais estágios de uma língua é necessário para uma eventual abordagem histórica.

Como podemos ver, todas as opiniões de Paul poderiam ser atribuídas a F. de Saussure.

(2) Langue - Parole

A dicotomia langue - parole aparece clara na literatura de Paul apesar de o mesmo não empregar a terminologia de Saussure. Paul afirma que o costume lingüístico 'Sprachusus' (langue), uma abstração sem existência própria, provém da comparação de vários 'idioletos' (parole) (1909, 37-8). Paul admite que 'ein gewisser Durchschnitt' (média = langue) (1909, 29) pode ser deduzida da observação do linguajar de indivíduos (parole). Saussure parece repetir esta observação de Paul quando assinala que

Entre tous les individus ainsi reliés par le language, il s'établira une sorte de moyenne; tous reproduiront, — non pas exactement sans doute, mais approximativement — les mêmes signes unis aux mêmes concepts (Saussure: 1949, 29).

Para Paul, como para Saussure, 'la langue' constitui o objeto da lingüística:

Eine grosse Gleichmässigkeit (langue) aller sprachlichen Vorgänge (parole) in den verschiedenen Individuen ist die wesentliche Basis für eine exakt wissenschaftliche Erkenntnis derselben (Paul: 1909, 19).

(3) Relações Paradigmáticas e Sintagmáticas

Paul era um adepto da psicologia de Herbart (Paul, 1909, 25-8). Insistia, por convicção, na atração mútua das palavras na mente humana para formar ora grupos menores ora grupos maiores. Nos ensinamentos de Paul (1909, 106), a atração recíproca das palavras pode ter três causas:

- (a) uma semelhança fonética parcial;
- (b) uma semelhança semântica parcial;
- (c) uma combinação das semelhanças parciais anteriores (Paul: 1909, 106).

Saussure também menciona o aspecto receptivo e coordenativo da mente humana (Saussure: 1949, 30).

O termo paradigma era conhecido por Paul. Um dos seus mais ilustres colegas de trabalho, o neogramático Eduard Sievers, publicou, em 1874, um trabalho intitulado **Paradigmen zur Deutschen Grammatik**. Paul estabelece um princípio que permite os vários tipos de combinações ou associações: o princípio da analogia (1909, 110-20).

Ao agrupar as palavras em paradigmas, Paul distingue:

- (a) grupos materiais (stoffliche Gruppen) e
- (b) grupos formais (formale Gruppen).

Os dois grupos mencionados não constituem grupos estanques mas podem entrecruzar-se para a formação de 'stofflich-formale Gruppen' (grupos matério-formais).

Dos ensinamentos de Saussure podemos deduzir três tipos de relações associativas:

- (a) palavras que partilham as mesmas características morfológicas ou etimológicas. Ex.: 'hôtelier' e 'chapelier' — 'hôtel' e 'hôtelier';
- (b) palavras semanticamente relacionadas. Ex.: 'enseignement' e 'instruction';
- (c) palavras relacionadas formal e semanticamente. Ex.: 'tutor' e 'mentor' (Saussure: 1949, 174).

A classificação de Saussure corresponde claramente à distinção feita por Paul entre 'stoffliche', 'formale' e 'stofflich-formale Gruppen'.

Paul não aborda o conceito de relações sintagmáticas. Saussure provavelmente buscou o referido conceito na obra de Kruszewski (1851-87) que já estabelecera uma distinção entre 'Angrenzungsassoziationen' (associações de vizinhança, de contigüidade ou sintagmáticas) e 'Ähnlichkeitsassoziationen' (associações de semelhança ou paradigmáticas) (cf. H. Arens: 1969, 359-61).

Influências Contestadas

Entre os lingüistas que teriam exercido uma influência direta sobre a obra de Saussure costuma-se citar Georg von der Gabelentz. Zwirner, por ocasião da quinta Conferência Internacional de Ciências Fonéticas, realizada na cidade de Münster, Alemanha, em 1964, defendeu a importância de Gabelentz na elaboração das teorias lingüísticas de Saussure. Posteriormente, chegou, inclusive, a ventilar a idéia de que Gabelentz pudesse ter sido um dos professores de Saussure na Universidade de Lípsia (cf. Koerner: 1972, 278). Georg Stötzel aceita as idéias de Zwirner e chega mesmo a falar em 'von der Gabelentz, der Lehrer Saussure's (idem, 278). O mais ferrenho defensor da influência de Gabelentz na obra de Saussure é, sem dúvida, Eugênio Coseriu. Além das obras de Whitney e Durkheim, aponta a *Sprachwissenschaft* de Gabelentz (1891) como a fonte principal da inspiração lingüística de Saussure (Coseriu: 1967, 74-100).

Os argumentos que diminuem a importância de Gabelentz na obra de Saussure e, portanto, realçam o papel de Paul na mesma, são vários:

- (a) a segunda edição da *Prinzipien* de Paul (1886) apareceu cinco anos antes da publicação da *Sprachwissenschaft* de Gabelentz (Koerner: 1972, 279);
- (b) a maioria das afirmações teóricas de Gabelentz foram acrescentadas na segunda edição da *Sprachwissenschaft* que data de 1901. Este fato é admitido por Schulenburg que confessa, no prefácio desta edição, que expansões e correções do original haviam sido feitas 'wo der Fortschritt der Wissenschaft es verlangte';
- (c) só uma das dicotomias saussureanas, 'la langue' e 'la parole', vem realmente explicitada na *Sprachwissenschaft* de Gabelentz sob os termos de 'Sprache', a totalidade dos meios de expressão e 'Rede', a linguagem como um fenômeno individual;

- (d) Georg von der Gabelentz não é citado no *Cours*. Entretanto, cabe a Gabelentz o mérito de ter enfatizado o conceito de sistema.

A influência de Durkheim (1933) na obra de Saussure também pode ser posta em dúvida apesar de ser admitida por muitos. Na opinião de Dinneen (1967, 192), foi o estudo de Durkheim que impeliu Ferdinand de Saussure a admitir a possibilidade de um estudo lingüístico que não levasse em consideração o desenvolvimento histórico. A dicotomia de 'fato social' e 'fato individual', formulada por Durkheim, teria sido a base da dicotomia 'la langue' e 'la parole' de Saussure (idem, 193).

Coseriu vê uma influência considerável do sociólogo francês no pensamento saussureano (Coseriu: 1967). Robins escreve que Saussure foi 'Much influenced by the sociological theory of Émile Durkheim (Robins: 1976, 200). Durkheim, entretanto, também não é citado no *Cours*. Koerner, por sua vez, é do parecer que a influência de Durkheim na obra de Saussure não foi provada até hoje (Koerner: 1972, 279, nota 8).

A Originalidade e a Influência de Saussure

O Mestre de Genebra certamente não foi um lingüista de idéias originais. Era antes de tudo um sistematizador que durante quase toda a vida não admitia ensinar o que julgava falso ou ilusório, percebendo a necessidade de tudo refundir².

Na resenha do *Cours*, Bloomfield reconhece que o ponto alto do livro é a sistematização de idéias já populares.

Casi todo lo que dice el autor ha estado por mucho tiempo "en el aire" y se halla expresado fragmentariamente por una o otra parte: lo que le pertenece es la sistematización (Bloomfield: 1924, 317-9).

Em Saussure, como assinala Jakobson, culminam os primeiros esforços que visavam à introdução de uma abordagem estrutural nos estudos lingüísticos.

... tentative writings of lone seekers in different countries reveal the first, precursory inklings of a prospective, structural approach to language.

These anticipations and efforts culminate in Ferdinand de Saussure's *Cours de linguistique générale*, a posthumous edition of 1916 arranged by Charles Bally and A.

2. Jornal "Opinião". O herdeiro de Saussure, 22.10.1976, p. 17.

Secheyne on the basis of student's records. (Jakobson: 1973, 18)

Paul Garvin descrevia F. de Saussure como um homem possuído de um verdadeiro 'sense of correctness'³ Este 'sense of correctness' foi, provavelmente, uma das causas da falta de publicações pessoais e que o teria levado, se em vida, a impedir a publicação do **Cours**. Este ponto de vista é compartilhado por Buysens que escreve:

Comme on le voit, c'est la confiance que j'ai en Saussure qui me porte à croire qu'il n'aurait pas publié le Cours sous la forme que nous le connaissons (Buysens: 1952, 50).

Meillet, discípulo de Saussure, falando do **Cours** escreve:

'le livre que le maître n'avait pas fait et n'aurait jamais fait, (cf. Mounin: 1972, 53)

e que Saussure

se serait assurément refusé à laisser publier, de son vivant, la rédaction qu'aurait faite (de son cours) un de ses principaux auditeurs' (idem, 53-54).

Vemos aqui uma concordância total entre as idéias expostas por Garvin, Buysens e as idéias de Meillet.

Há os que criticam o **Cours** acerbamente. Entre estes destacamos Vittore Pisani que descreve o **Cours** como um livro 'rozzo' e 'grossolano' (Pisani: 1966, 297-308).

Apesar das deficiências, críticas e uma acentuada falta de originalidade no **Cours**, na opinião de Benveniste 'no hay lingüista que no le deba algo' (Benveniste: 1971, 107), e que 'No hay teoría general que no mencione su nombre' (idem). Toda essa influência deriva do fato de Saussure ser 'ante todo y siempre el hombre de los fundamentos' (idem, 108). O **Cours** como assinala Bühler

'refleja de un modo constante e incitante el escepticismo metódico de un investigador que conoce el oficio y los resultados... (Bühler: 1961, 27).

A Influência de Saussure na Lingüística Americana

Não devemos exagerar a influência de Saussure na lingüística americana. Na opinião de Samuel Levin, as idéias de Saussure foram adotadas de um modo limitado e altamente seletivo na América do Norte (Levin: 1965, 84).

Para uma melhor compreensão desta influência focalizamos a lingüística americana sob três modelos principais:

- (1) o modelo pré-bloomfieldiano de Franz Boas (1858-1942) e Edward Sapir (1884-1939);
- (2) o modelo elaborado por Leonard Bloomfield e seus sucessores, que dominou o pensamento lingüístico de 1933, ano da publicação de **Language** até o advento da Gramática Transformacional;
- (3) o modelo transformacional que surgiu em 1957 com a publicação do **Syntactic Structures** de Noam A. Chomsky (1932...) e que ainda domina a lingüística americana.

(1) O modelo pré-bloomfieldiano aparentemente não foi influenciado por Saussure. Sapir, de índole e atitudes 'mentalistas' certamente poderia ter concordado com uma série das idéias expostas no **Cours de linguistique générale**. Entretanto, não o menciona na sua obra. Como causas da omissão de Sapir podemos apontar a separação do mundo intelectual americano e europeu durante os quatro anos da primeira Guerra Mundial (1914-1918).

(2) O modelo de Bloomfield foi influenciado por Saussure. Os dois lingüistas tiveram um treinamento idêntico. Ambos, por educação, eram histórico-comparativistas. Bloomfield conhecia a obra de Saussure. Temos a prova deste conhecimento:

(a) na publicação, feita em 1924, da resenha da segunda edição francesa (1922) do **Cours de linguistique générale** (Bloomfield: 1924). Convém acentuar que a primeira tradução inglesa do **Cours**, feita por Wade Raskin, só apareceu em 1959, sob o título de **Course in General Linguistics**

(b) na publicação da resenha de **Language** de Sapir, feita em 1922 (Bloomfield: 1922, 142). Nesta resenha destaca as contribuições mais importantes do **Cours** que são: a divisão dos estudos lingüísticos em diacrônicos e sincrônicos e a libertação da ciência lingüística de outras ciências, especialmente da psicologia, podendo, dessarte, contribuir mais eficazmente para o progresso de outras ciências e usufruir do avanço das mesmas. Em outras

³ Notas pessoais do curso de "General Linguistics" ministrado no "fall semester" de 1954, pelo professor Paul Garvin, no "Institute of Languages and Linguistics", Georgetown University, Washington, D.C.

palavras: a lingüística deve empenhar-se no estudo dos hábitos lingüísticos dos falantes sem preocupar-se com os progressos mentais que estão na base ou acompanham estes hábitos.

Bloomfield, de um certo modo, repete e interpreta a afirmação de Saussure:

... la linguistique a pour unique e veritable objet la langue envisagée en elle-même (Saussure: 1949, 317).

Um problema crucial tem, desde o início, atormentado os lingüistas. Qual é o verdadeiro objeto da ciência lingüística? No início da sua carreira Bloomfield, como Saussure, admitia que 'la langue' constituía o objeto da mesma.

Verifica-se este fato:

(1) na resenha do **Cours** onde declara:

Num determinado tempo (sincronicamente), a língua de uma comunidade deve ser encarada como um sistema de signos... Este sistema rígido, o objeto da lingüística descritiva, como costumamos dizer, é 'la langue', a 'língua' (Bloomfield: 1924, 318);

(2) na resenha de **The Philosophy of Grammar**, de Jespersen, na qual Bloomfield também confirma o reconhecimento de 'la langue' como objeto da lingüística quando escreve:

Para Jespersen a linguagem é um modo de expressão; suas formas exprimem os pensamentos e os sentimentos de falantes e os comunicam a ouvintes. Este processo constitui uma parte integrante da vida humana e é, de certo modo, sujeito às exigências e vicissitudes da vida humana. Para mim, como para Saussure (*Cours de linguistique générale*, Paris, 1922) e, aparentemente, para Sapir (*Language*, Nova Iorque, 1927), o que Saussure chama 'la parole', fica além do alcance do poder da ciência, [...]. A nossa ciência só pode preocupar-se com os aspectos da linguagem de todos os falantes de uma comunidade, — os fonemas, as categorias gramaticais, o léxico, etc. (Bloomfield: 1927, 445).

No início de sua carreira científica, Bloomfield era um 'mentalista', adepto da psicologia de Macdougall, que tomava a 'alma' como a origem da variação do procedimento humano. (Dinneen: 1967, 240-244). Jakobson o descreve como um verdadeiro mestre

da lingüística descritiva que, na mocidade, classificava a mesma entre as 'mental sciences' (Jakobson: 1973, 17).

Em 1933 a ciência lingüística já sentia uma grande influência da psicologia 'behaviorista' de Watson que admitia, como causa da variação do procedimento humano, os estímulos externos. De 1914, ano da publicação de **Introduction to the Study of Language** a 1933, Bloomfield passara por um verdadeiro processo de conversão: de 'mentalista' tornara-se 'behaviorista'. Uma abordagem empírica, 'behaviorista', aparece clara em **Language** (1933), a bíblia da lingüística estrutural americana e a formulação clássica da lingüística antimentalista. Bloomfield já refletia a sua preocupação no sentido de restringir a sua ciência à evidência de dados empíricos. Na tentativa de isolar a lingüística focaliza, não mais 'la langue' mas 'la parole' como podemos deduzir da análise das tarefas atribuídas por Bloomfield ao lingüista que são: colecionar, classificar, analisar, e descrever dados (Herndon: 1970, 20). Uma conversão completa de Bloomfield ao 'behaviorismo' pode ser posta em dúvida. Fries afirma claramente que, em 1945, o pai da lingüística americana ainda rejeitava a possibilidade de negligenciar ou ignorar o significado e 'undertaking to study language without meaning, simply as meaningless sound' (Fries: 1961, 215). Além disso, Bloomfield era o primeiro a advertir os seus discípulos contra os perigos de sectarismos intolerantes (Jakobson: 1973, 17).

A rejeição do mentalismo levou Bloomfield a discordar de Saussure em vários outros pontos:

(1) não há coincidência de pontos de vista quanto à explicação do processo da linguagem. Para Saussure este processo — um processo comunicativo — consta de cinco momentos:

- (a) a codificação, que vem a ser um processo mental da estruturação da mensagem;
- (b) a emissão vocal da mensagem;
- (c) a transmissão da mensagem, i. é, o processo físico que estabelece o contato entre o emissor e o receptor;
- (d) a recepção da mensagem, i. é, o processo fisiológico da captação do som;
- (e) a decodificação, i. é, o processo mental da reconstrução da mensagem.

No processo comunicativo de Bloomfield, só três momentos tornam-se importantes:

- (a) o estímulo que provoca o ato da fala;
- (b) o ato da fala que é um substitutivo da ação;
- (c) a resposta que pode ser um ato da fala ou uma ação substitutiva.

Vemos que em Bloomfield não há menção de uma atividade mental relacionada com a codificação e decodificação do ato da fala. Em Saussure, o primeiro e o último momentos do ato da fala são psicológicos. Os momentos intermediários são físicos. Em Bloomfield não há momentos psicológicos. Todos eles são físicos.

As relações paradigmáticas são estabelecidas pela mente humana. A preocupação de Bloomfield em somente tentar a investigação de dados concretos deu ao estruturalismo americano uma base empírica firme, limitando-o, porém, numa série de outros aspectos.

Bloomfield superestimou as relações sintagmáticas, pelo fato de serem palpáveis e possíveis de verificação. Ao mesmo tempo teve a tendência de relegar, para um segundo plano, as relações paradigmáticas, não menos importantes no **Cours** de Saussure. A atitude de Bloomfield teve as suas conseqüências na lingüística americana: muitos estruturalistas relegaram o estudo das relações paradigmáticas para o campo da semântica ou da psicologia.

O antimentalismo que dominava o autor de **Language** em 1933 pode ser analisado sob três aspectos:

- a) Bloomfield não mais admitia que a variação na conduta humana pudesse resultar da presença, no ser humano, de um 'espírito', de uma 'vontade', ou de uma 'mente' (Katz: 1964, 124-37);
- b) o segundo aspecto, também apontado por Katz, nasce da própria psicologia do comportamento que pregava uma metodologia mecanicista por excelência e operava dentro de limites fixos, impostos pelos 'discovery procedures', dos quais o mentalismo era fatalmente excluído.
- c) o terceiro aspecto do antimentalismo de Bloomfield relaciona-se com a situação precária da psicologia de então. O seu aproveitamento seria antes prejudicial do que benéfico (Bloomfield: 1927, 444-6).

A obra que reflete o pensamento lingüístico pós-bloomfieldiano é **Readings in Linguistics**. (Joos: 1957). Só o artigo de Rulon S. Wells 'De Saussure's system of Linguistics' põe o mestre de Genebra em evidência. Três notas de rodapé referem-se a Saussure ou à sua obra. Uma explicação válida desse fato pode ser a seguinte: a lingüística americana já se especializara em fonologia e morfologia. Saussure, pelo fato de ser um vulgarizador de idéias que atingiam a lingüística na sua totalidade, já não podia ocupar de evidência na mesma. A sua influência era uma influência velada, assim resumida pelo editor de **Readings in Linguistics**:

A posição de Saussure na lingüística de hoje é parecida com a posição de Ibsen no drama. Só de quando em vez é nomeado. E quando nomeado o é de forma ritualística. Os iniciantes no estudo têm a impressão que este ou aquele ponto nele se originam e que todos os outros, que não lhe são atribuídos, nada têm a ver com ele.

Na verdade, a interpretação oposta parece mais próxima da verdade. A contribuição de Saussure consiste num modo de pensar, numa estrutura de interesses e valores que abrigam todas as discussões centrais da lingüística de hoje. Somente interesses marginais, como a glotocronologia, ou a teoria da informação, escapam do seu pensamento. Muitos detalhes da sua doutrina foram substituídos por outros. Hoje, pela análise de um parágrafo de um tratado de lingüística moderna sob o ponto de vista do **Cours**, podemos imediatamente afirmar: "Isto é Saussure, aquilo não" (Joos: 1957, 18).

Harris não ignora a dicotomia 'la langue' e 'la parole' de Saussure e considera aquela como o resultado da análise desta..

'Parole' is merely the physical events which we count as language, while 'langue' is the scientists analysis and arrangement of them (Harris: 1940, 228).

A influência de Saussure na obra de Chomsky merece um estudo sumário. Chomsky era formado pela escola de Harris (Lepschy: 1968, 126 e segs.). Em **Syntactic Structures** (1957) não se aproveita do **Cours**. Só nos anos 60, Saussure começa a ser mencionado, e de modo positivo, pelos transformacionalistas. Algo pode ser dito a respeito da Gramática Transformacional e a dicotomia saussureana 'langue-parole' pois, já é costume entre os lingüistas, relacioná-la com a dicotomia de Chomsky 'competência-desempenho'. Para Chomsky, um corpus, derivado de emissões concretas, i.é, uma amostra da 'parole' não constitui a língua, 'la langue'. Tal amostra vem sempre caracterizada pelo acidental. Chomsky considera uma descrição do corpus como inadequada em termos de uma língua como um todo. Entretanto, uma gramática que gera o corpus, gerará inúmeras sentenças não contidas neste. Uma gramática, de acordo com Chomsky, deve levar em consideração outros fenômenos não concretizados nas emissões da fala. Entre estes fenômenos, Chomsky destaca a 'competência' lingüística do falante nativo e o seu 'desempenho' real na mesma. Por 'competência' Chomsky entende o conhecimento consciente ou inconsciente que o falante nativo tem a respeito das sentenças que emite ou ouve. Este conhecimento localiza-se na mente do falante e do ouvinte e só pode ser estudado mediante uma abordagem

'mentalista'. A gramática transformacional tem como finalidade projetar um raio de luz sobre tais habilidades 'mentais'. O conhecimento das habilidades acima mencionadas corresponde, de certo modo, ao conceito de 'langue' de Saussure. Entretanto, não só semelhanças são encontradas entre o conceito de 'langue' de Saussure e o conceito de 'competência' de Chomsky. 'Langue' é basicamente uma instituição social, distribuída na consciência coletiva. Chomsky está interessado na natureza individual da 'competência'. Temos, portanto, uma oposição flagrante entre 'la langue' de Saussure e a 'competência' de Chomsky. O próprio Chomsky dá o seu conceito de 'la langue' de Saussure: 'la langue'

é basicamente um depósito de signos com as suas propriedades gramaticais, i.é, um depósito de elementos semelhantes à palavra, locuções fixas e, talvez, certos tipos limitados de locuções' (Chomsky: 1965, 59).

'La langue' é, para Chomsky, basicamente taxonômica e como tal não é adequada para explicar a habilidade projetiva ou criativa dos falantes. Também não é adequada para explicar os diversos julgamentos que um falante nativo formula ou é capaz de formular a respeito das sentenças da sua língua. O conceito de 'langue' é um conceito passivo enquanto o conceito de 'competência' é um conceito altamente ativo. Na opinião de Fuchs e Le Goffic (1975, 81) Chomsky rejeita o conceito de 'langue' em proveito de algo mais dinâmico, a 'competência', concebida como um sistema de regras. Além de algumas semelhanças técnicas, a correspondência entre 'la langue' e 'competência' consiste meramente no fato de ambas serem funções mentais.

Num ponto de vista Saussure e Chomsky parecem concordar plenamente. Saussure admitia a dificuldade em separar a lingüística da psicologia e afirmava:

tout est psychologique dans la linguistique, y comprise ce qui est mécanique e matériel' (Saussure: 1949, 21).

Chomsky teve um ponto de vista semelhante ao afirmar que a lingüística é 'simply the subfield of psychology' (Chomsky: 1968, 24).

A Influência de Saussure na Lingüística Européia

(1) Influência na lingüística francesa

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1975, 111 e segs.) divide os discípulos de Saussure na França e Suíça em dois grupos:

(a) os que se empenharam em discutir e aclarar o

corpo doutrinário da obra do mestre. Entre estes menciona os lingüistas Sechehaye, Vendryès e Henry Frei.

(b) os que tomaram os fundamentos lingüísticos de Saussure como base de novas pesquisas em campos deixados intatos. Neste grupo inclui Antoine Meillet e Charles Bally.

Sechehaye tentou a aplicação dos conceitos saussureanos ao ensino de línguas.

Na obra mais importante de Vendryès **Le language**

Las ideas de Meillet e indirectamente las de Saussure nos van saliendo a cada paso (Jordan: 1967, 555).

Frei pode ser considerado como o grande iniciador da lingüística funcional que:

cherche à expliquer les faits en les ramenant aux fonctions (besoins, instincts, etc.) qu'ils sont censés satisfaire (Leroy: 1967, 79).

Meillet tornou-se o mais importante dos discípulos de Saussure na França. Criou uma escola lingüística que não difere essencialmente dos princípios de Saussure mas apresenta características próprias. Explorou, até as últimas conseqüências, um dos princípios do **Cours**: a linguagem é um fato social. O próprio Meillet já não fala em influência de Saussure mas numa verdadeira penetração do seu pensamento:

Pour ma part, il n'est guère de page que j'ai publiée sans avoir un remords de m'en attribuer seul le mérite: la pensée de F. de Saussure était si riche, que j'en suis tout pénétré. Je n'oserais dans ce que j'ai écrit, faire le départ de ce que je lui dois... (Meillet: 1921, II, 179).

Bally (1962) adotou de Saussure a distinção entre 'langue' e 'parole' e desenvolveu a sua teoria da 'atualização'. As palavras, de acordo com esta teoria, designam conceitos generalizados. A 'parole' está ligada a fenômenos concretos. A transformação de 'langue' em 'parole' ocasiona a passagem de conceitos virtuais para conceitos relacionados com a realidade. O processo de 'atualização' está ligado à passagem de 'langue' à 'parole', i. é, à transferência do abstrato ou virtual para o real ou atual. Os meios empregados para esta 'atualização' são os 'atualizadores'.

Posteriormente Martinet vulgariza, nos seus ensinamentos, a dicotomia 'langue-parole'.

Es indispensable distinguir cuidadosamente entre, por una parte, los hechos lingüísticos de todas clases, tales cuales aparecen en los enunciados, y, por otra parte, los hechos lingüísticos en tanto que pertenecen a un repertorio del que dispone la persona que intenta comunicar (Martinet: 1965, 34).

Substituí os termos 'langue' e 'parole' pelos termos 'código' e 'mensagem':

La oposición, que es tradicional, entre **lengua y habla**, puede expresarse también en términos de **código y mensaje**. El código es la organización que permite la redacción del mensaje y con el que se confronta cada elemento de un mensaje para obtener el sentido (idem, 34).

Segundo Martinet, a organização da 'langue' é a mesma que da 'parole' e, veladamente, rejeita uma lingüística da 'langue' o-posta a uma lingüística da 'parole'.

(2) Influência na lingüística dinamarquesa

A obra de F. de Saussure também influenciou o grande lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), professor de lingüística da Universidade de Copenhagen.

As idéias básicas deste começaram a despontar em 1927 com a publicação de **Principes de grammaire générale**. A sua obra principal, entretanto, é a **Prolegomena to a Theory of Language** (Hjelmslev: 1953). O método de Hjelmslev é conhecido sob o nome de glossemática no qual duas teses de Saussure são fundamentais:

- (a) uma língua é um sistema de valores;
- (b) a 'langue' é forma e não substância.

A forma da 'langue' pode ser descoberta pela prática de uma lingüística 'imaneante', auto-suficiente. Hjelmslev vê numa língua um sistema e mostra um interesse especial em desvendar uma metodologia de descoberta, tanto da existência como da natureza deste, relegando informações extralingüísticas. A glossemática foi pouco aplicada à análise de línguas. A obra mais importante, que segue a sua orientação é, sem dúvida, a **Structure immanente de la langue française**, de Knud Togeby (1965). Quem melhor compreendeu os laços que ligam Saussure e Hjelmslev foi Ege ao afirmar:

C'est Saussure qui a formulé le principe que la langue

est une forme, non une substance, mais c'est Hjelmslev qui s'y est conformé (Ege: 1949, 23).

(3) Influência na lingüística do Círculo de Praga

A análise das teses do Círculo revela a influência acentuada de Saussure nas atividades do grupo. Os componentes do Círculo:

- (a) concebiam uma língua como um sistema. Esta concepção deveria ser o ponto de partida para uma metodologia lingüística. Para os integrantes do Círculo Lingüístico de Praga um sistema lingüístico identifica-se com um sistema funcional, produto da atividade humana que tem a comunicação como finalidade ou função. Foi em Praga que o termo 'estrutura' apareceu com o valor de conjunto de relações dentro de um sistema, pois, Ferdinand de Saussure só empregara o termo 'sistema' e não empregara o termo 'estrutura';
- (b) viam na análise sincrônica o melhor meio de conhecer os aspectos pertinentes de uma língua. Entretanto, eram menos rígidos na separação das metodologias sincrônica e diacrônica;
- (c) para descobrir as diferenças estruturais de sistemas lingüísticos introduziram a metodologia da lingüística comparativa nas análises sincrônicas;
- (d) distinguíam a função lingüística do fonema de sua realização articulatória. Esta distinção tinha implícita a distinção que Saussure estabelecera entre 'langue' e 'parole'.

O estudo acurado da doutrina saussureana levou muitos a criticá-la ou a rejeitá-la em parte. Coseriu conclui que o esquema dicotômico de Saussure ostenta uma rigidez excessiva e peca pela falta de flexibilidade. Buyssens, em 1943, criticou o emprego do termo 'signo' (cf. Frei: 1963, 423). Para o lingüista flamengo, 'signo' é uma unidade mínima, indivisível, que exprime espécie. Para Saussure, 'signo' é um termo genérico que também compreende o sintagma.

Temos que admitir com Bierwisch que a pesquisa lingüística nos Estados Unidos e as bases teóricas da mesma, formuladas nos anos trinta, foram menos influenciadas por Saussure que as escolas lingüísticas européias (Bierwisch: 1971, 39).

(4) Bühler e Saussure

Bühler foi o grande influenciado por Saussure. Entretanto, julga que a obra do mestre 'parte de supostos teóricos insufi-

cientes' (Marías: 1974, 106). Reformula a dicotomia 'la langue' - 'la parole'. Como objeto da ciência lingüística e estabelece, não dois, mas quatro momentos que são:

- (a) a ação verbal (Sprechhandlung);
- (b) o produto lingüístico (Sprachwerk);
- (c) o ato verbal (Sprechakt);
- (d) a forma lingüística (Sprachgebilde).

O esquema de Bühler é um esquema de quatro campos, bem mais complexo que o de Saussure no qual duas dicotomias se cruzam surgindo:

- (a) a dicotomia I: 1 — ações e
2 — atos verbais
- (b) a dicotomia II: 1 — produtos e
2 — formas lingüísticas.

Os constituintes da dicotomia I referem-se ao sujeito, enquanto os constituintes da dicotomia II estão desligados do sujeito. Os constituintes 1 das dicotomias, como ações e produtos, estão num grau inferior de formalização. Os constituintes 2 das dicotomias, como atos e formas, estão num grau superior de formalização.

Nos ensinamentos de Bühler

La lengua es ante todo un órgano, con cuya ayuda el hombre puede comunicar a otro hombre lo que piensa de sí mismo y de las cosas que le rodean (Ceñal: 1941, 128).

No prólogo da *Sprachtheorie*, Bühler define o *organon* como algo pertencente aos utensílios da vida, algo intermediário, alheio ao corpo (Bühler: 1950, 12). Bühler não considera o signo lingüístico como uma entidade psíquica mas como uma realização acústica. Estabelece, em consequência, a sinonímia entre signo lingüístico e a mensagem propriamente dita. A mensagem, ou o signo lingüístico, aparece em relação triplíce

- (a) com as coisas ou os fenômenos que são objeto da linguagem;
- (b) com o falante ou o emissor da mensagem;
- (c) com o ouvinte ou o receptor da mensagem.

Bühler assinala que no diálogo **alguém** comunica **algo** a **alguém**. A mensagem, portanto, pode ser:

- (a) a representação da(s) coisa(s) ou fenômeno(s)

de que se fala. A mensagem, neste caso, constitui um **símbolo** de algo alheio ao emissor e ao receptor;

- (b) a expressão do sujeito falante ou o **sintoma** de algo no interior do emissor da mensagem;
- (c) um apelo à pessoa do receptor ou um **sinal** para o receptor. Destes três tipos de mensagem Bühler deduziu três funções da linguagem que são:
 - (a) a função representativa (Darstellung)
 - (b) a função expressiva (Ausdruck)
 - (c) a função apelativa (Appell).

Óbvio torna-se dizer que uma determinada mensagem pode acumular as três funções e desempenhar o papel de **símbolo**, **sintoma** e **sinal**

Bühler, como Saussure, também teve a sua influência marcante sobre os seus pósteros. Já em trinta e nove a função apelativa da linguagem recebia o nome de função conativa nos escritos de Troubetzkoy (1966), termo este posteriormente aceito por Jakobson (1960) e Isacenko (1964).

O modelo tradicional das funções da linguagem de Bühler, limitado a três funções, foi ampliado por Jakobson para um total de seis pelo acréscimo da função fática, orientada para o canal que apóia o processo comunicativo, da função metalingüística que visa ao próprio código e finalmente da função poética, orientada para a própria mensagem, realçando-a e tornando-a expressiva. Jakobson admite que no texto poético predomina a função poética sem que se verifique a exclusão total das outras funções. Riffaterre aceitou o ponto de vista de Jakobson. Entretanto, não fala em função poética mas em função estilística (Riffaterre: 1964, 316). As funções anteriores Dell Hymes somou a função contextual (Hymes: 1972). Na opinião do professor Poersch, a função única da linguagem, sob o ponto de vista genético e teleológico, é a função comunicativa. A função representativa de Bühler não é uma função propriamente dita mas uma qualidade intrínseca da linguagem, uma propriedade. As chamadas funções expressiva, apelativa, poética e outras não passam de usos específicos da linguagem pelo fato de focalizarem, no ato da comunicação, ou o remetente ou a mensagem ou o destinatário. (Poersch: 1976, 14). Bühler ao estabelecer uma divisão tripartida das funções da linguagem, mostrou que existe uma possibilidade de generalização neste campo de estudos. A sua originalidade principal situa-se no estudo das funções da linguagem no qual, acrescido, reformulado, criticado, continua como Saussure e Paul um dos grandes expoentes da lingüística moderna.

BIBLIOGRAFIA

- ARENS, H. (1969). *Sprachwissenschaft: Der Gang Ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. Freiburg-Munique. K. Alber.
- BALLY, Charles (1963). *El Lenguaje y la Vida*. Buenos Aires, Editorial Losada, S.A.
- BENVENISTE, Emile (1972). Saussure, Medio Siglo Después. In: *Ferdinand de Saussure*. Ana María Nethol (ed.), Buenos Aires, Siglo Veintiuno Argentina Editores, S.A.
- BIERWISCH, Manfred. (1971). *Modern Linguistics*. Haia, Mouton.
- BLOOMFIELD, Leonard. (1914). *Outline Guide of the Study of Foreign Languages*. Baltimore.
- BOAS, Franz. (1911). *Handbook of American Indian languages*. Washington, Smithsonian Institution; Bureau of American Ethnology; Bulletin 40.
- BÜHLER, Karl. (1961). *Teoría del Lenguaje*. Madrid, Revisa de Occidente. Primeira edição, 1950; segunda edição, 1961. Tradução do alemão 'Sprachtheorie'. Jens, Gustav Fischer, 1934, feita por Julian Marias.
- BUYSSENS, E. (1952). *Dogme ou libre examen*. In: — CFS 10, 47-50.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. (1975). *História da Lingüística*. Petrópolis, Vozes.
- CERÁL, Ramón (1941). *La teoría del lenguaje de Carlos Bühler*. Madrid, C. S. I. C.
- CHOMSKY, N. A. (1957). *Syntactic Structures*. Haia, Mouton. World.
- COSERIU, Eugenio. (1962). *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid, Editorial Gredos.
- DINNEEN, Francis P. (1967). *An Introduction to General Linguistics*. Nova Iorque, Holt Rinehart and Winston, INC.
- DURKHEIM, E. (1933). *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo, Companhia Editora Brasileira.
- EGE, N. (1949). In 'TCLC' v, 23-24.
- FRIES C. C. (1961). *The Bloomfield 'School', Trends in European and American Linguistics, 1930-1960*. C. Mohrmann et al., Utrecht.
- FREI, Henry. (1963). *Le signe de Saussure et le Signe de Buysens*. *Lingua* 12, 423-428, Amsterdam, North-Holland Publishing Co.
- . (1922). *Review of 'Language'*, Edward Sapir. Nova Iorque, The Classical Weekly 15.
- . (1924). *Review of 'Cours de linguistique générale'*, Ferdinand de Saussure. *Modern Language Journal* 8, p. 137-9 Tradução espanhola in: *Ferdinand de Saussure*. Ana María Nethol (ed). Buenos Aires, Siglo Veintiuno Argentina editores, S.A. 171-173.
- . (1927). *Review of Otto Jespersen*. *The Philosophy of Grammar*. *Journal of English and Germanic Philology* 26, 444-6.
- . (1933). *Language*. Nova Iorque, Henry Holt and Company.
- . (1965). *Current Issues in Linguistic Theory*. Haia, Mouton.
- . (1967). *Georg von der Gabelentz et la linguistique synchronique*. *Word* 23, 74-100.
- . (1968). *Language and mind*. Nova Iorque, Harcourt, Brace and FUCHS, C. e P. Le Goffic. (1965). *Initiation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris, Hachette.
- GABELENTZ, Georg von der. (1891). *Die Sprachwissenschaft*. Lipsia.
- GODEL, R. (1957). *Sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Genebra, Ed. Droz. Segunda edição, 1969.
- HARRIS, Zellig S. (1940). *Language* 16.
- HELBIG, G. (1970). *Geschichte der neueren Sprachwissenschaft: unter dem besonderen Aspekt der Grammatik-Theorie*. Lipsia, VEB Bibliographisches Institut.
- HERNDON, J. A. (1970). *A survey of Modern Grammars: Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, Inc.*
- HJELMSLEV, Louis. (1927). *Principes de grammaire générale*. Copenhagen, Munksgaard.
- HUSSERL, Edmund. (1900). *Logische Untersuchungen*. Halle, M. Niemeyer.
- HYMES, D. (1972). *The Ethnography of Speaking*. In: — *Readings in the Sociology of Language*. Joshua A. Fishman (E). Haia, Mouton.
- IORDAN, Iorgu. (1937). *Lingüística Românica*. Madrid, Ediciones Alcalá.
- ISACENKO, A. N. (1964). *On the conative function of language*. In: *Prague School Reader in Linguistics*. Josef Vachek (ed.). Bloomington, Indiana University Press.
- IVIC, Milka. (1965). *Trends in modern linguistics*. Tradução do servo-croata de Muriel Heppel. Haia, Mouton.
- JAKOBSON, Roman. (1960). *Style in Language*. Nova Iorque. MIT.
- JESPERSEN, Otto. (1922). *The Philosophy of Grammar*. London, George Allen and Unwin Ltd.
- JOOS, Martin. (1958). *Readings in Linguistics*. Nova Iorque. American Council of Learned Societies.
- KATZ, Jerrold J. (1964). *Mentalism in Linguistics*. *Language* 40, 124-37.
- KOERNER, E. F. K. (1972). *Herman Paul and Synchronic Linguistics*. *Lingua* 23, 274-307, North-Holland Publishing Company.
- LEPSCHY, G. C. (1968). *La linguistique structurale*. Paris, Payot.
- LEROY, Maurice. (1967). *Les Grands Courants de la linguistique Moderne*. Paris, Presses Universitaires.
- LEVIN, Samuel. (1965). *Langue and Parole in American Linguistics*. *Foundations of Language, International Journal of Language and Philosophy*, Volume 1.
- MALMBERG, B. (1964). *New trends in linguistics*. Traduzido do sueco por Edward Carney, Estocolmo-Lund, Naturmetodens Sprakinstitut.
- MARIAS, Julian. (1974). *Karl Bühler y la Teoría del Lenguaje*. In: *Doce Ensayos Sobre el Lenguaje*. Madrid, Publicaciones Juan March.
- MARTINET, André. (1975). *Elementos de lingüística geral*. Livraria Martins Fontes Ltda. Edição espanhola, *Elementos de lingüística general*. (1965). Madrid, Editorial Gredos, S.A.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale* (vol. I, Paris, 1921, 2. ed. 1928; vol. II, Paris 1936).
- . (1953). *Prolegomena to a Theory of Language*. Baltimore, Waverly Press, Inc. Tradução do dinamarquês de Francis J. Whitfield.

- MOUNIN, G. (1972). *La Linguistique du XXe siècle*. Paris, Presses Universitaires de France.
- PAUL, Hermann. (1969). *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- PISANI, Vittore. (1966). *Profilo storico della linguistica moderna*. 'paideia' 21, 297-308.
- PERCIVAL, W. K. (1969). *Nineteenth-century origins of twentieth-Century structuralism*. Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 416-20. Chicago, University of Chicago, Department of Linguistics.
- POERSCH, José Marcelino. (1976). *A Linguagem — Sua Função e Usos*. Letras de Hoje, 24. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- RIFFATERRE, Michael. (1964). *The Stylistic Function*. In: Proc. IX Congr. Ling. Hala.
- ROBINS, R. H. (1967). *A Short History of Linguistics*. Londres, Longmans.
- SAPIR, Edward. (1921). *Language*. Nova Iorque, Harcourt Brace.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1949). *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot.
- SIEVERS, Eduard. (1874). *Paradigmen zur Deutschen Grammatik*. Halle/S, Buchhandlung des Waisenhauses.
- TAGLIAVINI, C. (1968). *Storia della filologia germanica*. Bolonha, Patrón.
- TOGBY, Knud. (1965). *Structure immanente de la langue française*. Paris, Larousse.
- TRUBETZKOY, N. S. (1966). *Le Rapport entre le déterminé, le déterminant et le défini*. In: *Readings in Linguistics II*. Eric P. Hamp, Fred W. Householder e Robert Austerlitz (editores). Chicago, The University of Chicago Press.
- VENDRYÈS, J. (1921). *Le Language*. Paris, La Renaissance du Livre. Chicago, The University of Chicago Press.
- . (1973). *Main trends in the science of language*. Londres, George Allen and Unwin Ltd.